

GÊNERO, SEXUALIDADE E ENSINO: OS DESAFIOS DA PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Carolina Pinheiro Pereira¹
Bárbara Mayã Austregésilo de Alencar²
Iago Felipe Camilo Souza³
Marconi Edson Maia Júnior⁴
Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia⁵

RESUMO: A discussão sobre as questões envolvendo sexualidade e gênero vem tomando lugar nos diversos setores sociais, configurando-se como espaço de luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. Diante disso, a adolescência, período marcado por descobertas, curiosidades, experimentações, afirmações e identidades de escolha, torna-se a fase ideal para intervenções, principalmente na escola, por ser um dos principais espaços de socialização para os jovens. Dessa forma, o trabalho se propôs a compreender as dificuldades existentes nos processos educativos que alicerçam a discussão acerca das construções sobre gênero e sexualidade nas escolas. Sendo assim, a pesquisa foi orientada por uma abordagem de produção baseada em uma revisão de literatura. A base de dados empregada foi a SciELO, na qual buscou-se os artigos usando os descritores "Gênero", "Sexualidade" e "Ensino". A partir das análises dos artigos, observou-se que a busca por uma educação libertadora e não mais enraizada em conceitos pré-estabelecidos socialmente trata-se de um processo e de uma evolução que, articulados à uma conscientização ético-política dos sujeitos envolvidos, propicia uma reconstrução e ressignificação dos sentidos atribuídos à sexualidade, ao pertencimento de gênero e ao contexto social amplo.

Palavras-chave: Saúde sexual. Igualdade de gêneros. Educação em saúde.

¹ Discente em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto Fala Sério!. E-mail: cppcaarol@gmail.com

² Discente em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto Fala Sério!. E-mail: barbara.mayan.bm@gmail.com

³ Discente em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto Fala Sério!. E-mail: iagocamilofs@gmail.com

⁴ Discente em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto Fala Sério!. E-mail: junior.marconi@hotmail.com

⁵ Docente do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orientadora do Programa de Extensão do Comitê Local da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PECLUERN). E-mail: allyssandramr@gmail.com

GENDER, SEXUALITY AND TEACHING: THE CHALLENGES OF PROMOTING A LIBERTATING EDUCATION

ABSTRACT: The discussion on issues involving sexuality and gender has been taking place in different social sectors, becoming a space for the struggle for human rights and democracy in the country. Given this, adolescence, a period marked by discoveries, curiosities, experiments, affirmations and identities of choice, making it the ideal phase for interventions, especially at school, as it is one of the main socialization spaces for young people. Thus, the work proposed to understand the difficulties existing in the educational processes that underlie the discussion about the constructions about gender and sexuality in schools. Therefore, the research was guided by a production approach based on a literature review. The database used was SciELO, in which articles were searched using the descriptors "Gender", "Sexuality" and "Teaching". From the analysis of the articles, it was observed that the search for a liberating education and no longer rooted in socially pre-established concepts is a process and an evolution that, linked to an ethical-political awareness of the subjects involved, it provides a reconstruction and re-signification of the meanings attributed to sexuality, gender belonging and the broad social context.

Keywords: Sexual health. Gender equality. Health education.

1 INTRODUÇÃO

A discussão em volta das questões envolvendo sexualidade e gênero está cada vez mais ganhando lugar nos diversos setores sociais, configurando-se como espaço de luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. A todo instante, diferentes falas se contrapõem, esculpindo um perfil de avanços e retrocessos na luta pela igualdade no país (MIRANDA; SANTOS, 2017).

Diante disso, se por um lado a sexualidade constitui um aspecto importante do desenvolvimento humano, sendo caracterizada como uma construção histórica, cultural e social alterada pelas relações sociais, por outro, o gênero suscita a consideração de que as desigualdades observadas entre homens e mulheres não se restringem às características biológicas e naturais, mas resultam de longos processos históricos e culturais que permeiam essas relações (FOUCAULT, 2009). Sendo assim, no contexto social atual, a vivência da sexualidade e do gênero é cerceada por tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder (BECHARA, 2013).

A partir dessa perspectiva, os professores e os responsáveis configuram-se como formadores nos espaços de convivência dos adolescentes, sendo a escola um importante meio para o desenvolvimento da discussão da temática da sexualidade, do gênero e de seus desdobramentos. Sendo assim, as reflexões individuais e coletivas resultantes da construção desse processo podem trazer repercussões que têm a capacidade de contribuir para a minimização de ações discriminatórias e preconceituosas, fugindo do senso comum de um discurso essencialista que aborda a sexualidade e o gênero de maneira simplista, primária e, sobretudo, empírica, o qual na maioria das vezes valoriza, equivocadamente, apenas os aspectos físicos e os hábitos saudáveis (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Apesar disso, destacar o corpo docente como agente central no cumprimento do ensino transversal acerca da sexualidade e do gênero nega a verdadeira condição de trabalho e a qualidade de formação desses profissionais, os quais muitas vezes não apresentam um preparo desde a graduação para o desempenho efetivo e libertador dos preconceitos sociais acerca dessa temática na escola, consistindo assim em um obstáculo para que a discussão envolvendo a diversidade sexual e de gênero esteja presente no dia a dia escolar (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Portanto, ao se tratar de temáticas sociais, além de atitudes e procedimentos, é fundamental o trabalho de natureza conceitual, para que se possa aprender a formular questões a respeito da realidade e de suas relações, as quais podem ser acessadas, apreendidas e utilizadas como subsídio para propostas pedagógicas que favoreçam a autonomia e o aprendizado da cooperação e da participação social (BRASIL, 2000). Dessa forma, a partir da relevância do tema em questão, este trabalho se propôs a compreender as dificuldades existentes nos processos educativos que alicerçam a discussão acerca das construções sobre gênero e sexualidade nas escolas fundamentadas na percepção de discentes extensionistas atuantes em um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva, representado pela logotipo do projeto na Figura 01.

Figura 01: Logotipo do projeto de extensão Fala Sério!



Fonte: Elaborada pelos autores

2 DESENVOLVIMENTO

A adolescência é um período marcado por descobertas, curiosidades, experimentações, afirmações e identidades de escolha, principalmente no âmbito de gênero e sexualidade, tornando-se a fase ideal para intervenções, destacando o papel da escola por ser um dos principais espaços de socialização para os jovens. Além disso, para os jovens, a relação sexual pode não pressupor um vínculo afetivo imprescindível, mas a afirmação da virilidade e status perante os outros, principalmente entre seus pares. Tais comportamentos de afirmação expõe essa população a uma série de riscos (BRASIL, 2008; OLIVEIRA, 2011; WIESE; SALDANHA, 2011).

Entre as possíveis consequências desse comportamento sem orientação, pode-se destacar as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), gravidez não planejada, aumento nas taxas de mortalidades por causas externas ou casos de violência sexual, o que torna também um problema de saúde pública. Com isso, educar para a sexualidade não é tão simples, pois ela é constituinte do ser humano, como também é resultado de relações sociais e culturais estabelecidas ao longo da vida. Nesse sentido, a falta de um diálogo acerca da diversidade sexual contribui para o silenciamento, invisibilidade e exclusão das pessoas que assumem padrões fora da matriz heterossexual, principalmente no ambiente escolar, reforçando valores heteronormativos (JUNQUEIRA, 2013).

Dessa forma, apesar da recente retirada dos temas gênero e orientação sexual da Política Nacional Estudantil (PNE) e da Base Nacional Comum Curricular

(BNCC) remover a legitimidade do tema, isso não significa que o corpo docente não possam abordá-los, tendo em conta que fazem parte das demandas dos próprios estudantes (SOARES; MONTEIRO 2019).

Por isso, faz-se necessário que essa discussão envolvendo gênero e sexualidade esteja presente no dia a dia escolar. Dessa maneira, a atuação extensionista no Projeto Fala Sério! tem como um dos objetivos principais esse debate, bem como a propagação de uma saúde preventiva com atividades lúdicas e linguagem informal entre estudantes do 2º ano, do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor Eliseu Viana. Na Figura 02, destacamos os discentes extensionistas desse projeto.

Figura 02: Extensionistas do Projeto Fala Sério! em uma das atividades desenvolvidas no projeto



Fonte: Elaborada pelos autores.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta produção acadêmica baseou-se em uma revisão de literatura. A base de dados empregada foi a SciELO, na qual buscamos os artigos usando os descritores "gênero, sexualidade e ensino". Em relação aos critérios de inclusão, foram determinados: textos na íntegra, trabalhos publicados entre 2015 e 2020 e trabalhos em língua portuguesa. Já os critérios de exclusão: artigos publicados há mais de 5 anos, revisões de literatura e produções em língua estrangeira descritos na Figura 03. Com isso, foram encontrados 47 artigos, dos quais 08 foram selecionados.

Figura 03: Esquema ilustrando os critérios de inclusão e exclusão utilizados no estudo

Critérios de inclusão:	Critérios de exclusão:
<ul style="list-style-type: none"> • Textos na íntegra 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisões de literatura
<ul style="list-style-type: none"> • Artigos publicados nos últimos cinco anos 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos publicados há mais de cinco anos
<ul style="list-style-type: none"> • Idioma em língua portuguesa 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos escritos em língua estrangeira

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abordar a sexualidade em suas múltiplas dimensões é um desafio para o professor que necessita implementar práticas pedagógicas alinhadas às práticas conceituais, pois esse trabalho exige a integração de disciplinas, conhecimentos específicos e qualificações humanas, como habilidades, competências, atitudes e valores (QUIRINO; ROCHA 2012).

Assim, como a formação docente geralmente se encontra fragilizada quanto às questões sociais, culturais e históricas da sexualidade e sua articulação com as relações de gênero, para que se alcance a apropriação teórica necessária é preciso que os docentes tenham acesso a um espaço coletivo de produção de

conhecimento plural, de forma que reconheçam os valores que norteiam suas condutas, estejam sensibilizados quanto à existência da diversidade sexual e reflitam sobre os princípios democráticos que devem ser alcançados (QUIRINO; ROCHA 2012).

Contudo, inserir o tema em sala de aula depende quase que exclusivamente da iniciativa e disposição do docente para enfrentar as adversidades. A ausência de apoio e de pares para amparar ou debater as situações vividas em sala de aula, gera um sentimento de isolamento e de frustração (SOARES; MONTEIRO 2019).

Dadas as dificuldades expostas acima, é válido ressaltar que a falta de um diálogo acerca da diversidade sexual e de outras temáticas relacionadas, contribui para o silenciamento, invisibilidade e exclusão das pessoas que assumem padrões fora da matriz heterossexual, principalmente no ambiente escolar, reforçando valores heteronormativos (SOARES; MONTEIRO 2019).

Nesse contexto, outra temática de extrema importância a ser abordada nas escolas é sobre os diferentes gêneros e suas imposições sociais relacionadas. Portanto, é válido observar que são relatadas assimetrias de gênero na esfera familiar e doméstica, em que se reconhece que as mulheres ainda estão sujeitas a uma dupla jornada de trabalho, gerando um sentimento de culpa por não dedicarem tanta atenção quanto gostariam aos filhos. Ou seja, houve avanços sociais ao longo do tempo, mas a identidade das mulheres continua atrelada ao universo doméstico, aos cuidados e à maternidade. Assim, as mudanças e as permanências associadas ao gênero ao longo da história remetem para importância de promover reflexão entre os docentes sobre o tema, assinalando as conquistas e as barreiras associadas à ocupação nos espaços públicos e privados, às diferenças salariais e às tensões presentes nas relações entre homens e mulheres (SOARES; MONTEIRO 2019).

Nesse contexto, observamos também que o cenário sociocultural no qual os adolescentes estão inseridos é determinante para a elaboração de matrizes subjetivas que mantêm os jovens em constante erotização. Dessa forma, esta imersão antecede os aspectos biológicos, apresentando caráter construcionista. A perspectiva machista também deve ser considerada ao serem indicadas as desigualdades de gênero que orientam as normas sociais da atividade sexual. As insuficientes referências pessoais, associadas à exposição frequente de artefatos

mediáticos e de consumo, estimulam o apelo erótico e formam um substrato fértil para a manutenção de uma ordem discursiva no âmbito sexual (QUIRINO; ROCHA 2013).

Portanto, observa-se que a escola não se constitui como um lugar homogêneo e harmônico, e sim como uma instituição onde se disputam, se aceitam, se rejeitam e se impõem significados através de processos em que as crianças se encontram inseridas, participando de negociações culturais ou imposições complexas e até tão cruéis quanto os processos de que participam os adultos (WENETZ, 2013).

Dessa maneira, buscar uma educação libertadora e não mais enraizada em conceitos pré-estabelecidos socialmente trata de um processo e de uma evolução que, articulados à uma conscientização ético-política dos sujeitos envolvidos, propicia uma reconstrução e ressignificação dos sentidos atribuídos à sexualidade, ao pertencimento de gênero e ao contexto social amplo (CARVALHO et.al, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater gênero e sexualidade entre os adolescentes tornou-se uma questão de saúde pública devido ao fato de eles estarem vivenciando transformações psicossociais, físicas e culturais inerentes a sua idade biológica. Isso faz com que estejam suscetíveis a comportamentos de riscos, sendo bastante necessário debates acerca do assunto no ambiente escolar, um dos principais ambientes de socialização e formação cidadã dos jovens.

Nesse sentido, o papel da educação em saúde ganha destaque não só por orientar a comunidade acadêmica, mas também por fazer dela um meio para difundir informações de grande valor na batalha contra a desconstrução de mitos. Um ensino pautado no respeito à diversidade e à inclusão social é imperativo na construção da democracia, pois permite que os cidadãos tomem seus espaços nas discussões.

Embora pesquisas e intervenções nesse eixo temático estejam, cada vez mais, sendo desenvolvidas em nosso país, ainda não alcançaram uma parcela considerável dos espaços educacionais, refletindo a dificuldade de se abordar um tema tão complexo, porém necessário, como também às desigualdades no próprio acesso ao ensino.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, A. M. D. et al. Na brincadeira a gente foi aprendendo: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 25-33, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes**. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CARVALHO, Alysso Massote; RODRIGUES, Cristiano Santos; MEDRADO, Kelma Soares. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia** 2005, 10(3), 377-384.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: **A vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006.
- MIRANDA, C. M.; SANTOS, A. P. Lute como uma menina: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016. **Revista Observatório**, v. 3, p. 417-444, 2017.
- MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.
- OLIVEIRA, Q. B. M. Dialogando sobre algumas questões de gênero e prevenção à violência e promoção da saúde na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p. 3985-3991, 2011.
- QUIRINO, Glauberto da Silva & ROCHA, João Batista Teixeira. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, **Brasil.Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.
- QUIRINO, Glauberto da Silva & ROCHA, João Batista Teixeira. Sexualidade e educação sexual na percepção do docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

SOARES, Zilene Pereira Soares & MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

WENETZ, Ileana et al. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2013 Jan-Mar;27(1):117-28 • 121.

WIESE, I. R. B.; SALDANHA, A. A. W. Vulnerabilidade dos adolescentes às DST/AIDS: ainda uma questão de gênero? **Psicologia, Saúde & Doenças, Lisboa**, v. 12, n. 1, p. 105-118, 2011.